PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Dia mundial de conscientização sobre o autismo

Nesta semana, em que comemoramos o Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo (2 de abril), queremos conversar sobre a importância do diagnóstico precoce, do tratamento terapêutico e do combate ao preconceito. Uma em cada 36 crianças é diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo dados divulgados pelo CDC – Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos. Por isso, é importante conhecer um pouco mais sobre o que é esse transtorno e como apoiar o desenvolvimento de crianças com autismo. Diferentemente do que muitas pessoas imaginam, o autismo não é uma doença, mas sim um transtorno complexo do neurodesenvolvimento, cujas causas ainda são pouco conhecidas.

Para conversar sobre o autismo convidamos a Lara Helena de Souza Frasson, psicóloga, autista, que trabalha em Curitiba, Paraná.

Lara, gostaríamos que a senhora falasse um pouco de sua experiência como autista?

Eu tive o meu diagnóstico com 23 anos, já era psicóloga, já trabalhava com autismo. Foi libertador receber esse diagnóstico, porque ao longo de toda a minha vida eu tive muitas dificuldades, principalmente sociais, de comunicação. Na adolescência, isso me gerou estado de depressão, ansiedade, inclusive internamentos. Então, após o diagnóstico, tudo ficou mais claro, tudo ficou mais fácil, e eu pude passar a entender que todas as minhas dificuldades, na verdade, não eram porque eu era estranha, esquisita ou porque eu era um problema, mas era porque havia um motivo para isso que eu nunca podia ter compreendido antes. Então, o diagnóstico nos liberta e eu hoje posso trabalhar auxiliando outras pessoas a se sentirem assim.

O que é o autismo ou Transtorno do Espectro Autista?

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que faz com que a gente tenha dificuldades de comunicação, interação social e alguns padrões restritos e repetitivos.

Quais são os sinais de autismo que os pais podem perceber no bebê e que precisam procurar ajuda?

Nós nascemos autistas, não é algo que a gente passa a ter ao longo da vida. Então, desde bebê a gente consegue já perceber alguns sinais. O bebê autista, por exemplo, tem dificuldade de manter o contato visual. Ele tende a ficar menos receptivo aos sons do ambiente, a perceber os estímulos. Quando a gente conversa com o bebê autista, ele tende a não prestar tanta atenção, a não reagir tanto. Ele fica mais focado nas coisas que são ali do interesse dele. Então, a gente chama o bebê, ele não olha. Quando a mãe está amamentando, ele não faz tanto contato visual, não tem tanta essa conexão. A gente faz barulhos perto dele e ele não está responsivo, ele fica mais passivo. A gente já pode perceber alguns comportamentos repetitivos.

Por que o diagnóstico precoce do autismo e o acompanhamento com vários profissionais é tão importante?

O diagnóstico precoce é essencial porque até os três anos de idade é a fase em que a criança tem a maior neuroplasticidade. As conexões cerebrais dela são muito mais ativas, então se a gente consegue identificar precocemente esses sinais e começar uma estimulação correta, a chance dessa criança ter um prognóstico melhor no futuro dela, desenvolver as habilidades que ela precisa para não ter tantos prejuízos sociais e de comunicação é muito maior.

Como a família pode contribuir com os cuidados e estímulos necessários para o desenvolvimento da criança autista?

A família é essencial. A gente não tem avanços se a família não está engajada com a gente nas terapias. Então, é realmente a família que vai passar a entender o mundo através dessas lentes da mente do filho dela. É conseguir entender aquela sensação, o que acontece, como ele funciona, as coisas que dão crises, as coisas que ele gosta e que acalmam ele, conseguir adaptar o ambiente para que fique mais fácil essa trajetória, essa jornada com a criança. Então, toda intervenção que realmente é séria, é para que os pais saibam para o filho deles como eles precisam estar agindo.

A rede de apoio à família com criança autista também é importante, não é, Lara?

Rede de apoio para a família é essencial. A gente sabe o quanto é desgastante. As famílias de crianças autistas têm uma sobrecarga emocional imensa. A gente vive numa constante batalha pelos nossos direitos, pela nossa inclusão. Então, são mães que são julgadas, são mães que são sobrecarregadas. São mães que têm que lidar com todo o estresse em casa, nas terapias, nas escolas, no trabalho. Então, a gente precisa ter uma rede de apoio e eu sempre falo para as mães dos meus pacientes e para os pais também, não abram mão da saúde mental de vocês, porque se a saúde mental de vocês não estiver bem, a do filho de vocês nunca vai ficar bem.

Quais são os principais direitos e benefícios sociais do autista?

Bom, para efeitos legais, a pessoa autista é uma pessoa com deficiência e ela tem todos os direitos da lei brasileira para a pessoa com deficiência. A gente tem direito a ter fila prioritária, atendimento prioritário. A gente tem direito à isenção de alguns impostos, IPTU, IPVA, compra de carro. As famílias de baixa renda têm direito ao BPC - Benefício de Prestação Continuada, que é o benefício para pessoas com deficiência no governo. A gente tem direito a que os acompanhantes estejam conosco nos ambientes. Tudo isso não é privilégio. Isso é o direito de estarmos incluídos na sociedade de uma maneira com que a gente consiga estar bem, para que a gente possa conviver da mesma forma com que todas as outras pessoas, de ter lazer, diversão, saúde e educação. Infelizmente esses direitos são muito negligenciados e eu acho que a questão da inclusão escolar é uma das nossas prioridades na nossa luta, porque ela ainda é muito precária e a gente não pode deixar de lutar por isso.

Hoje, fala-se muito sobre a inclusão da criança autista. Lara, a senhora acha que a sociedade está acolhendo os autistas? Na sua opinião, o que precisa melhorar?

Eu acho que a gente está num processo muito lento em relação à inclusão. O que a gente precisa é pensar no propósito, no propósito da humanidade, de termos um lugar que seja empático. Eu acho que essa é a maior perda que nós tivemos, a perda da empatia. E cobram muito isso dos autistas, né? Dizem que nós autistas não temos empatia. Pelo contrário, somos as pessoas mais empáticas. Tão empáticas que a gente trava e não sabe como demonstrar isso, mas a gente não pode desistir de tentar plantar essa sementinha para que a gente consiga construir uma sociedade mais empática e só com essa empatia que conseguiremos uma sociedade mais inclusiva e respeitosa para todos, não só para os autistas.

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança. Maria Inês, qual é a sua mensagem para o programa de hoje?

Olá, amigos. A cada dia ouvimos mais casos de crianças com autismo. Falar mais sobre o tema, dar visibilidade à situação dessas crianças, possibilitou um maior número de diagnósticos e está ajudando famílias, comunidades e instituições a agirem desde cedo para que cada criança desenvolva todas as suas potencialidades. No Brasil, esse dia de conscientização tem como tema: "Informação gera empatia, empatia gera respeito!" Esse tema reforça que o conhecimento é o caminho para derrubar preconceitos e promover respeito e inclusão para pessoas autistas, pois entender mais sobre o transtorno do espectro autista nos ajuda a agir com empatia no dia a dia. Os líderes da Pastoral da Criança sabem da importância do respeito e da empatia e, por isso, estão próximos dessas famílias, levando sua solidariedade fraterna.

(TESTEMUNHO) Márcia Rosa, líder da Pastoral da Criança na Diocese de Frederico Westphalen, Paróquia Santo Antônio, Comunidade Vila Paraíso, em Palmeira das Missões - Rio Grande do Sul.

Márcia, como os líderes da Pastoral da Criança orientam as famílias que têm crianças com autismo?

Há quatro anos e nove meses acompanho Théo, menino autista, e sua família, oferecendo apoio espiritual e orientação para que encontrem sentido e propósito em sua caminhada. Além disso, estendo minha escuta e acolhimento para ajudá-los a enfrentar os desafios emocionais do autismo com mais serenidade e esperança. Minha missão também inclui auxiliar na busca por recursos e soluções que melhorem a qualidade de vida do Théo e fortaleça a sua família. Esse compromisso reflete o verdadeiro propósito da Pastoral da Criança, estar presente e compartilhar amor e levar fé e solidariedade a quem mais precisa.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança.

O Dia Mundial de Conscientização sobre Autismo é uma questão muito atual ao qual nós precisamos estar atentos e a Pastoral da Criança está empenhada em orientar sobre o autismo para poder demonstrar sua presença fraterna junto às crianças autistas e suas famílias, removendo tudo o que lhes impede de viver uma cidadania plena e os obstáculos do preconceito, favorecendo a acessibilidade aos lugares e a qualidade de vida, considerando todas as dimensões da pessoa humana. Por isso, é importante dar uma atenção especial à criança autista. E isso envolve a família, amigos, parentes, que estejam atentos para que ela possa se sentir integrada e amada por Deus.

Esta entrevista faz parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
1749 – 31/03/2025 – Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo